

ANÁLISE DOS PRINCIPAIS SETORES ECONÔMICOS DE ANGOLA NO PÓS-GUERRA CIVIL

CHARLES DA SILVA MARQUES

Graduado em Economia pela Faculdade Moraes Júnior-Mackenzie Rio.
E-mail: charlesdamrques@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os principais setores produtivos de Angola no período pós-guerra civil, buscando evidenciar seu enorme potencial, sobretudo nos três setores privilegiados nesta análise (petróleo, diamante e agrícola), além de sua grande capacidade de exportação, tendo em vista que o país não possui um mercado consumidor desenvolvido capaz de demandar toda sua produção.

PALAVRAS-CHAVE

Economia angolana; Exportação; Petróleo; Diamante; Agricultura.

INTRODUÇÃO

Angola é hoje uma das economias mundiais que registram as maiores taxas de crescimento e faz parte da área geopolítica de interesse para o Brasil. Tendo em vista esse panorama, o presente artigo discute a situação recente da economia angolana.

O território angolano começou a ser explorado pelos europeus ainda no século XVI, logo sendo associado aos rumos da economia da região que viria a constituir o Brasil. A administração portuguesa visava à complementaridade da economia canavieira brasileira, tomando a colônia africana como importante fornecedora de mão de obra compulsória. Os principais interesses daquele governo eram realizar a exploração dos recursos naturais ali existentes e o comércio de escravos.

Após a independência do Brasil e o fim do tráfico negreiro, entre 1836 e 1842, iniciou-se efetivamente a ocupação portuguesa de Angola. A colonização também teve o intuito de evitar a entrada de alguns países da Europa (Alemanha, França e Reino Unido) que desejavam penetrar em outras partes da África a fim de explorar parte da riqueza desse continente.

Somente após a proclamação da República de Portugal, em 1910, a colonização de Angola entrou numa fase de expansão no plano econômico, impulsionada pela extração de diamantes. No entanto, Angola consolidou-se como país exportador de produtos agrícolas (café, cana-de-açúcar, milho, sisal, entre outros) somente após 1930, fornecendo esses gêneros a Portugal. A partir da Segunda Guerra Mundial, Angola tornou-se o segundo maior exportador de café do mundo, antecedido pelo Brasil. O ciclo econômico baseado nesse produto foi superado apenas em 1972 em função do desenvolvimento da indústria petrolífera.

PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA ANGOLANO

As colônias portuguesas foram os últimos domínios africanos a se tornarem independentes. Assim, Portugal foi o primeiro e o último império colonial europeu. A descolonização deveu-se à perda de poder por parte das metrópoles e à grande pressão internacional pela cessação de exploração dos países pobres, imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Fomentada pelas exigências estrangeiras, forjou-se uma grande mobilização interna com a criação do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) em 1956 (SALOMÃO, 2008). Em 1957, foi criada a União dos Povos de Angola (UPA), que passou a se chamar Frente Nacional para a Libertação de Angola (FNLA) no ano seguinte. Em 1964, foi fundada a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita).

Esses grupos foram os mais expressivos na luta pela independência angolana. De acordo com Salomão (2008, p. 38), no “início da década de 1960, já eram onze os movimentos armados de libertação nacional que atuavam em Angola”. Sua base era originalmente tribal, ideologizando-se mais tarde – à exceção do MPLA – e culminando, assim, num longo processo de guerra civil, cujo estopim foi a queda do regime

salazarista¹ em Portugal, ocorrido em 25 de abril de 1974. Nessa data, tinha início o processo de descolonização africana.

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA)

Esse grupo foi criado a partir do manifesto publicado em 1956² por intelectuais que estavam exilados, sendo sua maioria composta por mulatos. Os principais membros eram Mário de Andrade, Viriato Cruz³, Lúcio Lara e Eduardo dos Santos. Agostinho Neto, outro ator importante desse agrupamento, iria se juntar mais tarde ao movimento, em 1962, após sair da prisão, tornando sua liderança mais conhecida em todo o mundo.

Até o final da década de 1960, o MPLA acreditava em uma solução harmoniosa e negociada para os conflitos com Portugal. Esse movimento não detinha reconhecimento interno, pois não havia emergido de grupos étnicos, mas sim de um grupo intelectual, sem nenhuma relação tribal em sua formação⁴. O MPLA era ligado às tendências marxistas portuguesas, que na época eram clandestinas, e aos partidos comunistas do bloco soviético (SALOMÃO, 2008). Essa orientação de esquerda marxista tinha como base a presença de intelectuais que possuíam vínculo com o Partido Comunista Francês (SILVA, 2008, p. 146). Por serem em sua maioria mulatos, pregavam a ideologia do conflito de classes e não o conflito racial:

The racial characteristics of the MPLA help explain why Marxism held a special appeal for its leaders. By stressing class conflict over all others, it provided the urban mestiços and assimilados with an ideology that transcended race and allowed co-operation between them and the black workers and lumpenproletariat of the musseques (GUIMARÃES apud SILVA, 2008, p. 147).

Com essa clara orientação ideológica, o MPLA obteve auxílio externo da União Soviética e de Cuba, que forneceram armas, treinamento para as tropas e financiamento. Recebeu, também, de forma indireta, o apoio do governo brasileiro, que naquele momento iniciava um novo rumo na diplomacia do país, “A política externa independente”, apesar da conjuntura política: a Guerra Fria e a luta contra o comunismo.

1 Antônio de Oliveira Salazar governou ditatorialmente Portugal, de 1932 a 1968. Com uma visão mercantilista e muito conservadora, isolou seu país da Europa.

2 De acordo com Silva (2008), o MPLA foi criado em 1961.

3 Viriato Cruz, posteriormente, uniu-se a Frente Nacional para Liberação de Angola (FNLA), com Daniel Chipenda.

4 Os outros movimentos (FNLA e Unita) surgiram a partir da união de suas tribos/etnias e depois disso formaram suas representações a fim de defender seus espaços territoriais e conquistar a independência de Angola.

FRENTE NACIONAL PARA LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (FNLA)

Esse movimento foi criado na década de 1950, com o nome de União dos Povos de Angola (UPA). Foi o primeiro grupo a lutar pelo poder durante o governo de transição. Posteriormente, passou a ser denominado Frente Nacional para Libertação de Angola (FNLA), tendo como líder Holden Roberto⁵. A partir da década de 1960, Roberto decidiu convidar um importante agente interno, Jonas Savimbi⁶, para unir-se ao movimento e tornar-se secretário-geral do FNLA.

Inicialmente, os objetivos almejados por Roberto eram a separação e o reconhecimento de sua cidade natal, a antiga cidade do Congo. No entanto, mais à frente, ele passou a defender uma soberania mais ampla, a de Angola. De acordo com Silva (2008, p. 147), “o fato de ter sido o primeiro movimento a se autodeterminar o representante do nacionalismo angolano e o forte apoio das autoridades congolezas permitiram que Roberto obtivesse projeção internacional e canalização de recursos financeiros para a sua causa”. Foi alvo de fortes críticas em função de seus objetivos, inicialmente de defesa tribal e posteriormente de manutenção da ordem nacional. O FNLA possuía discursos e práticas anticomunistas, por isso obteve apoio dos Estados Unidos da América. Segundo Ottaway (GUIMARÃES apud SILVA, 2008, p. 145), o “MPLA are mestiços and Communists, so you cannot play any useful role there; the UPA is the organization for Black people, so that’s the one you should joint”. Na opinião de Jonas Savimbi: “I protested that Roberto had no program and seemed to be a very ignorant man. ‘Ok, Keniatta said, that’s one very good reason to join, because you have ideas and can produce a program.’ That’s when I decided to join UPA. That’s how it was”.

As opiniões de Savimbi acerca do MPLA, da UPA e, principalmente, a respeito do líder da UPA, deixavam claro que sua incorporação ao quadro do FNLA se dava basicamente por falta de opções, e não por igualdades ideológicas. Consequentemente, mais tarde Savimbi deixou o FNLA para criar seu próprio movimento, a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita).

UNIÃO NACIONAL PARA INDEPENDÊNCIA TOTAL DE ANGOLA (UNITA)

Em 1964, Jonas Savimbi abandonou o cargo que ocupava na FNLA e decidiu criar seu próprio movimento para lutar pelo poder. Fundou-o com a ajuda de estudantes e alguns membros dissidentes do FNLA, que estavam insatisfeitos com o tipo de lide-

5 Era líder da tribo Baxicongo, norte de Angola, e teve contato direto com os ideais dos nacionalistas angolanos que viviam no exílio na cidade onde Roberto foi criado, Leopoldville, no antigo Congo.

6 Era líder da tribo Ovimbundu localizada no sul de Angola. Ele estudou em Lisboa e conhecia outros líderes da resistência ao colonialismo português. Savimbi não gostava de Roberto, mas aderiu ao FNLA por falta opção.

rança empreendido por Holden Roberto (SILVA, 2008). Savimbi era representante de uma tribo que possuía enormes recursos e era considerado o maior grupo étnico de Angola (SILVA, 2008), dominando praticamente todo o sul do país. Em 1966, o líder conseguiu o apoio da República Popular da China.

A estratégia de Savimbi consistia em cooptar os moradores das áreas rurais, convencendo-os a lutar a favor de seu movimento. Além da parceria com a China, que fornecia recursos financeiros, armas e militares, a Unita estabeleceu um acordo com a África do Sul, porta de entrada dos armamentos e dos militares que ingressavam em Angola. Embora os sul-africanos estivessem sob um regime de governo totalmente racista, a base de força da Unita residia estritamente no grupo étnico que a compunha. De acordo com Silva (2008, p. 151), “a identidade racial era a espinha dorsal de todos os movimentos nacionalistas africanos na luta anticolonial. Destarte, a referida aliança viria a ser um erro fatal para a Unita”.

Cabe ressaltar que as ajudas citadas neste trabalho não eram oficiais, ou seja, eram feitas sem o conhecimento das populações e do congresso desses países. A participação do Brasil consistiu na criação de uma Representação Especial do Brasil em Luanda, antes mesmo do desfecho final do conflito. A fim de expandir suas relações diplomáticas com a África, o governo militar brasileiro de Ernesto Geisel⁷ fechou um acordo com os três principais movimentos (MPLA, FNLA e Unita). A proposta era reconhecer o governo do movimento vencedor independentemente de sua orientação ideológica.

Em 11 de novembro de 1975, o MPLA conseguiu vencer e obter o controle do território de Angola, assumindo o controle do país, situação que persiste até a atualidade. No entanto, a partir desse ano, o país emergiu num longo período de guerra civil que perdurou até 2002, quando o MPLA consagrou-se vitorioso novamente.

SETORES ECONÔMICOS EM ANGOLA⁸

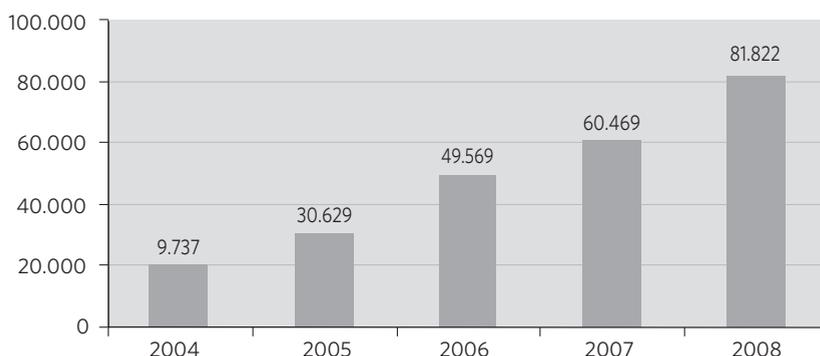
Há tempos, a economia de Angola é extremamente dependente dos recursos provenientes do setor petrolífero (AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK, 2007). Segundo a Agência Internacional de Energia (AIE) (2006, p. 141), o país detém também uma ampla reserva de gás natural, acompanhando a produção dos hidrocarbonetos. Conforme o Banco Mundial (2002, p. 67), Angola possui um enorme potencial de extração de diamantes, sendo a quarta maior produtora do mundo, assim como dispõe de uma gama diversificada de minérios, tais como minério de ferro, manganês, cobre, fosfato, chumbo, estanho, ouro, prata, platina, urânio e mica (OLIVEIRA, 2009).

7 Houve a fundamental participação do embaixador Ovídio de Melo, ainda não estudada devidamente, pelo caráter sigiloso da operação.

8 Nesta seção são apresentados os três principais setores econômicos de Angola, no entanto, há outros que possuem grandes expectativas de crescimento, como: construção civil, bancário, telecomunicações, serviços entre outros.

Ademais, o país tem extensas áreas territoriais cujo solo e clima favorecem o cultivo de diversos produtos agrícolas. Na década de 1970, Angola era o maior exportador de milho da África Subsaariana, posição que mantém hoje ao lado da destacada exportação de café (AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK, 2007). O Gráfico 1 apresenta os valores do PIB em milhões de dólares de 2004 a 2007, período em que se observa um notável crescimento de 314%, muito influenciado, como será visto mais adiante, pelo setor petrolífero.

Gráfico 1 ANGOLA: PIB 2004 A 2008 (MILHÕES DE US\$)



Fonte: AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA (2006).

SETOR PETROLÍFERO

Conforme a AIE (2006), quase toda a produção angolana atual é *offshore*, em virtude das difíceis condições de operação e segurança decorrentes do longo período de guerra civil que assolou o país: há a estimativa de cerca de 15 milhões (ANGONOTÍCIAS, 2009) de minas terrestres espalhadas aleatoriamente por todo o território, que vêm sendo desmontadas há vários anos. Desde 2006, Angola faz parte da Organização de Países Exportadores de Petróleo (Opep⁹). Até o início desse ano, era o segundo maior exportador de petróleo da África Subsaariana. No entanto, segundo o portal da revista brasileira *Exame Angola* (PAIVA; FIDALGO, 2010), o país tornou-se, em 2010, o maior exportador de petróleo do continente, deixando a Nigéria como segunda colocada (PAIVA; FIDALGO, 2010).

O potencial produtivo de Angola é extremamente favorecido pelas condições geológicas: há uma enorme quantidade de reservas já encontradas e outras ainda em fase

9 Composta por 12 países membros: Argélia, Angola, Equador, República Islâmica do Iran, Iraque, Kuwait, Nigéria, Qatar, Arábia Saudita, Emirados Árabes, Venezuela e Líbia.

de pesquisas. Hoje existem aproximadamente 45 empresas petrolíferas (SONANGOL, 2010) presentes em Angola, tais como Chevron, Total, BP, Sinopec, Esso, Devon, Petrobras, entre outras. Angola possui uma estatal, a Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol), com funções de natureza comercial, reguladora e parafiscal.

A partir de 2004, quando entrou em vigor a Nova Lei do Petróleo, o país passou a fazer uso de dois principais métodos/contratos a fim de regular/conceder/explorar os recursos petrolíferos: o de concessão por *joint venture* e o de partilha de produção (*production sharing agreements*). O primeiro define que o Estado concede à companhia multinacional o direito de empreender todas as atividades petrolíferas como exploração, produção, transporte e comercialização do petróleo encontrado em uma determinada região; em troca, o Estado é remunerado com *royalties*, imposto de renda, lucro de comercialização e outras taxas. No segundo, as companhias multinacionais funcionam como contratadas do governo angolano para explorar e produzir petróleo no país (OLIVEIRA, 2009).

Em 2009, Angola possuía 34 campos de extração de petróleo em exploração/prospecção. Dentre estes, possuem blocos de extração situados em alta profundidade, ou seja, a aproximadamente 1.500 metros. De acordo com o Ministério dos Petróleos (2009, p. 22), “Angola já atingiu a capacidade de produção de 2 milhões de barris/dia”. No entanto, está produzindo abaixo de sua capacidade em razão de um alinhamento feito para adaptar-se às normas da Opep (MINISTÉRIO DOS PETRÓLEOS, 2009). De acordo com o órgão, o corte realizado em 2008 foi de aproximadamente 99.000 barris/dia. As reservas comprovadas possuem uma capacidade em torno de 13,1 bilhões de barris (MINISTÉRIO DOS PETRÓLEOS, 2009). Segundo o African Economic Outlook (2007), “is expected to peak at 2,6 million barrels in 2010/2011”. Os dados sobre o petróleo bruto angolano estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 ANGOLA: PRODUÇÃO DE PETRÓLEO BRUTO - 2004 A 2009

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 |
|---------------------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|-------|
| Produção de Petróleo Bruto (milhões Barris) | 360,931 | 454,891 | 514,609 | 619,827 | 619,827 | 739,7 |
| Taxa de Crescimento da Produção (%) | — | 26,03 | 13,13 | 20,45 | 20,45 | 6,32 |
| Produção Média/Dia (milhões de Barris) | 0,986 | 1,246 | 1,410 | 1,698 | 1,698 | 2,026 |

Fonte: Ministério dos Petróleos (2009).

O setor petrolífero é o principal motor da economia de Angola, pois responde por elevados números na pauta de exportações do Balanço de Pagamentos do país. Como pode ser verificado na Tabela 2, a produção de petróleo aumentou a taxa em dois al-

garismos em todos os anos observados, exceto em 2009, mantendo um crescimento médio no período de aproximadamente 13,03%. A produção média diária aumentou, em termos percentuais, cerca de 105%. Esse aumento é devido à maturação de investimentos realizados em alguns projetos de desenvolvimento do setor e em algumas prospecções realizadas em 2005, situadas tanto ao largo da costa de Angola como em águas mais profundas. Outro fator que influenciou tal crescimento foi a implantação da Lei do Petróleo de 2004, que forneceu mais transparência ao processo de exploração e concessão de novos campos.

Como evidencia a Tabela 2, a quantidade exportada de petróleo aumentou a taxas elevadas a partir de 2005. Obteve-se, assim, um crescimento total no período de aproximadamente 55%. Contudo, esse percentual decresceu, atingindo uma média em torno de 12% a.a., em virtude da redução da produção para atender ao alinhamento feito pela Opep.

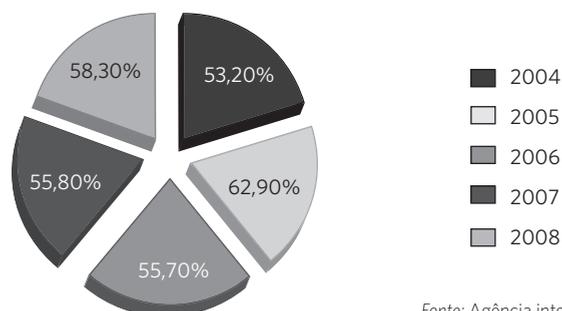
Tabela 2 ANGOLA: EXPORTAÇÃO DE PETRÓLEO BRUTO - 2004 A 2008

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
|------------------------------------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Quantidade de Petróleo Bruto exportado (milhões de barris) | 434,865 | 438,742 | 495,919 | 605,482 | 675,024 |
| Crescimento | — | 0,89 | 13,03 | 22,09 | 11,49 |

Fonte: Ministério dos Petróleos (2009).

Como se depreende do Gráfico 2, o setor de petróleo detém, desde 2004, participação significativa na economia, representando mais da metade da composição do PIB. Em 2005, o setor em questão obteve o pico de participação, 62,9%, e Angola tornou-se a terceira maior economia da África Subsaariana e a segunda maior produtora de petróleo da região (DELLOITE, 2006).

Gráfico 2 ANGOLA: PARTICIPAÇÃO DO SETOR PETROLÍFERO NO PIB - 2004 A 2008



Fonte: Agência internacional de energia.

No que se refere à situação fiscal, a maior parte das receitas ingressadas em Angola é proveniente dos recursos petrolíferos, dado que se explicita na Tabela 3.

Tabela 3 RECEITA TOTAL DO SETOR PETROLÍFERO (EM BILHÕES DE KWANZAS) E PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS RECEITAS PETROLÍFERAS NAS RECEITAS TOTAIS - 2004 A 2008

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
|-----------------------------------|--------|----------|----------|----------|----------|
| Receita Total | 609,69 | 1.085,84 | 1.685,03 | 2.124,70 | 3.217,40 |
| Impostos do setor petrolífero | 469,27 | 862,07 | 1.350,61 | 1.722,00 | 2.601,90 |
| Participação do setor petrolífero | 76,97% | 79,39% | 80,15% | 81,05% | 80,87% |

Fonte: Orçamento Geral do Estado (2009).

A taxa de participação do setor petrolífero nas receitas governamentais é composta essencialmente pela arrecadação de impostos. Pode-se verificar, na tabela acima, que desde 2004 as receitas petrolíferas aumentaram, chegando ao valor de 80,87%. Essa cifra deve elevar-se nos próximos anos. Como já mencionado anteriormente, em 2008, Angola não atingiu sua capacidade máxima de produção, pelo que se prevê um acréscimo nesses níveis, incrementando ainda mais as receitas provenientes desse setor.

SETOR DIAMANTÍFERO

Segundo o Banco Mundial (2007, p. 67), a produção de diamantes na Angola durante a década de 1980 era de 2,4 milhões de quilates por ano, dado que alçava o país à condição de maior produtor do mundo. Com o início dos conflitos, Angola caiu para 70º lugar, produzindo, assim, em níveis muito inferiores a sua real capacidade: 750 mil quilates em 1975 e 350 mil quilates em 1977 (WORLD BANK, 2007). A Empresa Nacional de Diamantes (Endiama) foi criada na década de 1980 pelo MPLA e é hoje a quarta maior companhia diamantífera do mundo (NOTÍCIAS LUSÓFONAS, 2006). Atualmente, a Endiama é responsável pela extração e prospecção, cabendo o processamento de todas as operações de compra e venda à Sociedade de Comercialização de Diamantes de Angola (Sodiam), subsidiária da Endiama.

Em 1998, a extração de diamantes em Angola ganhou repercussão internacional: em meio a um grave conflito por diamantes (“diamantes de sangue”), a Unita negociava essas gemas preciosas para financiar sua rebelião¹⁰. Por essa razão, Angola en-

¹⁰ É sabido internacionalmente que, durante a guerra civil angolana, mercenários de diversos países a ela acorreram, seduzidos pelo pagamento, que era feito em diamantes, conforme as cabeças cortadas dos adversários que conseguissem entregar.

frentou sanções das Nações Unidas, tendo de garantir transparência e governação na extração. Para isso, foi adotado um processo de certificação de origem para exportação, conhecido mais tarde como Processo de Certificação Kimberley, que estabeleceu padrões mínimos no comércio de diamantes e de produção dos Estados-membros (UNITED STATES..., 2008).

A produção de diamantes em Angola é obtida por meio da produção formal (industrial) e da produção informal (artesanal). O governo vem combatendo de forma extensiva o processo artesanal, embora este seja um forte contribuinte para a economia do país. Segundo a Parceria África-Canadá (2008, p. 2), representantes do governo de Angola almejam a substituição da exploração artesanal pela forma industrial. No entanto, esse objetivo pode ser impedido pelo alto custo de realização desse investimento. Atualmente, a exploração comercial está localizada em Catoca, uma província no sul de Luanda, onde se realiza a duplicação da capacidade de produção de diamantes em Angola.

Conforme Breitenbauch (2003), dos diamantes disponíveis em território angolano, mais de 85% são do tipo joia, considerado o mais rentável e valioso. A Tabela 4 mostra a produção diamantífera em Angola apenas a partir de 2004, uma vez que não há dados suficientes sobre períodos anteriores. A ausência de dados estatísticos confiáveis, capazes de balizar os mercados, é uma característica de praticamente todos os Estados africanos, à exceção da África do Sul, recentemente agregada ao grupo de países emergentes composto por Brasil, Rússia, Índia e China (Bric), que passou a ser denominado Brics depois da inclusão do Estado africano.

Tabela 4 ANGOLA: PRODUÇÃO DE DIAMANTES - 2004 A 2009

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 |
|--------------------------------|------|-------|-------|------|--------|-------|
| Produção (milhões de quilates) | 6,1 | 7,1 | 9,2 | 9,7 | 8,9 | 13,8 |
| Crescimento (%) | — | 15,18 | 29,61 | 5,74 | - 8,19 | 55,24 |

Fonte: Annual Global Summary 2004 a 2009.

De acordo com a Parceria África-Canadá (2008, p. 2), o crescimento da produção de diamantes nos períodos estudados reflete os investimentos e as atividades de investigação que continuam a progredir rapidamente nos campos angolanos. Como se depreende da Tabela 4, a produção de diamantes cresce constantemente a cada ano, exceto em 2008 quando houve uma redução de 8,19% (em valor absoluto, houve decréscimo de 794.734,45 quilates). No entanto, no ano seguinte a produção de diamantes

apresentou um elevado percentual de crescimento, 55,24%. Desse modo, a produção obteve um crescimento médio de 19,51% a.a. no período mencionado.

Segundo Even-Zohar (2002), a produção de diamantes aumentou também em virtude da drástica restituição do controle das maiores áreas de produção de diamantes e da introdução de um sistema de mercado mais eficiente. Conforme dados da United States Agency International Development (Usaid), de 2008, esse aumento contínuo da produção também evidencia a prática realizada pela Sodiam, que autoriza a compra por empresas de diamantes extraídos de forma artesanal, ou seja, não oficial, mediante uma série de contratos de licença.

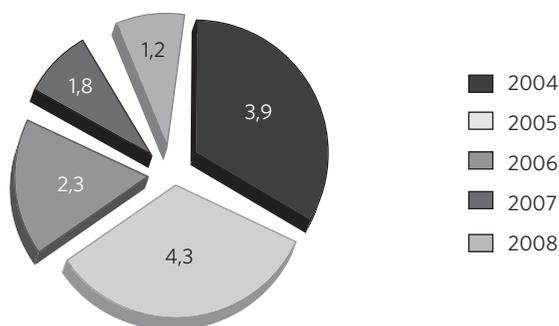
No que tange ao mercado externo, Angola encontra-se numa posição bastante privilegiada, pois atualmente é a terceira maior exportadora de diamantes da África Subsaariana e a quarta maior economia do mundo a exportar esse recurso natural. Tendo em vista esses fatores, o setor apresenta aumentos sucessivos nas receitas do país.

Tabela 5 ANGOLA: EXPORTAÇÃO DE DIAMANTES - 2004 A 2009

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 |
|----------------------------------|------|-------|-------|-------|--------|------|
| Exportação (milhões de quilates) | 6,1 | 7,1 | 9,2 | 8,5 | 7,4 | 9,7 |
| Aumento (%) | — | 15,18 | 29,61 | -7,13 | -13,28 | 31,4 |

Fonte: Annual Global Summary 2004 a 2009.

Confrontando as tabelas 4 e 5, as exportações de 2004 a 2006 foram iguais aos valores produzidos nos respectivos anos, evidenciando o caráter exportador da economia angolana. Os anos citados foram marcados por forte crescimento da exportação, mas registraram queda em 2007, acompanhando a baixa taxa de crescimento, referente ao mesmo período, exposta na Tabela 5. Em 2008, o crescimento das exportações alcançou valores muito inferiores à sua produção, pois houve uma diferença entre produção e exportação na quantidade de 1.517.840 quilates de diamantes. Em 2009, a produção cresceu abruptamente e as exportações também, mas o percentual de crescimento das exportações foi muito inferior ao da produção no mesmo ano. Conforme se apresenta no Gráfico 3, o setor de diamante perdeu participação no PIB da economia angolana. Em 2005, quando sua participação obteve o pico, com 4,3%, o crescimento da produção também foi bastante elevado. A falta de dinamismo do setor foi influenciada pela alta produção petrolífera e a maior participação desta no PIB. Ou seja, o setor de diamantes exportou mais, no entanto, foi ofuscado pelo excelente desempenho da indústria do petróleo.

Gráfico 3 TAXA DE PARTICIPAÇÃO DO SETOR DE DIAMANTES NO PIB - 2004 A 2008

Fonte: Orçamento Geral do Estado (2009).

SETOR AGRÍCOLA

A agricultura em Angola mostra experiências bastante positivas no decorrer de sua história pré-guerra civil, pois o país chegou, na década de 1990, a figurar como o quarto maior exportador de café do mundo e o maior exportador dentre os países da região (AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK, 2007). Angola possui solo fértil e clima propício à agricultura – características muito semelhantes às encontradas no Brasil. As chuvas regulares beneficiam e são essenciais para o cultivo de exportação dos seguintes produtos: café, sisal, tabaco, algodão, palma, açúcar, frutos cítricos, sésamo, feijão, amendoim, mandioca, milho, arroz, batata rena e batata-doce.

No entanto, a instabilidade política gerou crescentes dificuldades dos agricultores em obter sementes, fertilizantes e outros insumos de produção (AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK, 2005). Apenas 3% do território angolano (AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK, 2005) está ocupado com a agricultura, e o setor agrícola se vê limitado por uma questão decorrente da guerra civil: o grande número de minas terrestres dificulta o cultivo e chega a causar problemas no abastecimento do mercado interno. Durante a guerra, após a saída dos portugueses, representantes do governo angolano dirigiram-se a órgãos públicos e privados do Brasil, procurando estabelecer contatos para que as cadeias alimentares de seu país pudessem continuar funcionando, em especial na área dos derivados de mandioca. O setor agrícola atualmente recupera-se dos graves problemas ocasionados pela destruição da infraestrutura de transporte, logística e comércio na região. Suas atividades apresentam atualmente sinais efetivos de recuperação, concomitantemente com o reerguimento da infraestrutura do país.

A produção agrícola em Angola é realizada de forma familiar – com a utilização de precários recursos e equipamentos – e empresarial – que dispõe de técnicas de produção

e equipamentos mais modernos. Como pode ser visto na Tabela 6, houve um aumento considerável da área de cultivo (67,24%), que, por sua vez, ocasionou um incremento de 58% da produção, em especial de raízes e tubérculos. No que tange à tecnologia, não houve aumento de sua utilização na colheita e no plantio, o que caracteriza a falta de industrialização e de capacidade tecnológica no processo produtivo em Angola.

Com vistas a melhorias no processo produtivo em Angola, tornam-se necessários o aumento da tecnologia, a capacitação técnica da mão de obra, além da desativação das minas terrestres que se encontram espalhadas por todo o território. Em virtude da deficiência de sua infraestrutura, Angola não possui um setor exportador agrícola forte, por essa razão a maior parte dos alimentos produzidos no país destina-se ao mercado interno.

Tabela 6 ANGOLA: PRODUÇÃO E ÁREA CULTIVADA - SAFRAS 2007/2008 E 2008/2009

| 2007/2008 | | 2008/2009 | |
|------------|-----------|------------|-----------|
| TONELADAS | HECTARES | TONELADAS | HECTARES |
| 14.989.732 | 2.902.551 | 23.664.531 | 4.854.398 |

Fonte: Ministério da Agricultura.

Ainda há uma dificuldade em relacionar a participação desse setor no PIB do país, pois em Angola as estatísticas do setor agrícola estão apresentadas juntas com as do setor pesqueiro.

De acordo com a Tabela 7, verifica-se que a participação da agricultura no PIB de Angola ocupa valores não tão expressivos quando comparados com os outros setores analisados neste trabalho. Percebe-se que houve uma queda da participação em torno de 2% em 2005, porém, nos anos seguintes, o setor foi se recuperando lentamente, chegando a atingir um valor de 8,2% em 2008. De 2004 a 2008, o setor perdeu participação de apenas um ponto percentual. Cabe ressaltar, novamente, o enorme potencial agrícola do país, cujo desenvolvimento efetivo depende de mudanças significativas nos processos de produção e distribuição, além do aumento da área cultivada. Entretanto, todas essas iniciativas somente serão possíveis depois da desativação das minas do território.

Tabela 7 ANGOLA: TAXA DE PARTICIPAÇÃO DO SETOR AGRÍCOLA NO PIB - 2004 A 2008

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
|--------------|------|------|------|------|------|
| Tx. Par. (%) | 9,2 | 7,2 | 7,3 | 7,7 | 8,2 |

Fonte: Orçamento Geral do Estado (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do contexto histórico de Angola é muito importante para compreender a atual situação do país. A leitura desse contexto demonstra que Angola possui um grande potencial em recursos naturais e agrícolas, necessitando especializar a mão de obra local para que haja um maior desenvolvimento da infraestrutura do país.

Cabe ressaltar que o papel de Angola, no momento, é de grande fornecedor de recursos naturais para países desenvolvidos e em desenvolvimento, cuja demanda por matéria-prima está em constante ascensão. Da mesma forma que seus vizinhos, o Estado angolano aproxima-se das necessidades da China, o que acarretará um novo ponto de inflexão em sua história.

ANALYSIS OF THE MAIN ANGOLAN ECONOMIC SECTORS IN THE POST CIVIL WAR PERIOD

ABSTRACT

The present paper aims at analyzing the main productive sectors in Angola in the post civil war period, trying to highlight their huge potential, especially in the three sectors dealt with in this analysis (petroleum, diamonds and agriculture), besides its great capacity for exportation, keeping in mind that it does not have a developed consumer market able to demand its whole production.

KEYWORDS

Angolan economy; Exportation; Petroleum; Diamonds; Agriculture.

REFERÊNCIAS

AFRICAN DEVELOPMENT BANK. *Africa and the global economic crisis: strategies for preserving the foundations of long-term growth*. 2009.

AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK. *Perspectivas econômicas na África*. 2005.

AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK. *Relatório de Angola 2008*. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dev/publications/africanoutlook>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK. *Relatório de Angola 2007*. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dev/publications/africanoutlook>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK. *Relatório de Angola 2006*. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dev/publications/africanoutlook>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

- AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK. *Relatório de Angola 2005*. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dev/publications/africanoutlook>>. Acesso em: 10 abr. 2010.
- AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA. *Angola: desenvolvimento de uma estratégia para a energia*. OCDE, 2006.
- ANGONOTÍCIAS. *Solo angolano ainda esconde 15 milhões de minas terrestres*. 2009. Disponível em: <http://www.angonoticias.com/full_headlines.php?id=25799>. Acesso em: 21 ago. 2010.
- BREITENBAUCH, G. As exportações brasileiras e perspectivas de negócios para o mercado angolano. In: *VI SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO (SEMEAD)*, São Paulo, FEA-USP, 2003.
- DELLOITTE. Estudo da Deloitte caracteriza o sector. *Banca em análise Angola 2006*. Disponível em: <http://www.deloitte.com/view/pt_PT/pt/industrias/financial-services/e7edbde6fc2fb110VgnVCM100000ba42f0aRCRD.htm>. Acesso 07 set. 2009.
- EVEN-ZOHAR, C. From mine to mistress. *Mining Journal Books Ltd.*, Edenbridge, 2002.
- GABINETE DE ESTUDOS E RELAÇÕES ECONÔMICAS INTERNACIONAIS. Ministério das Finanças de Angola. *Boletim anual de estatísticas do orçamento geral do Estado 2008*. 2009.
- GABINETE DE ESTUDOS E RELAÇÕES ECONÔMICAS INTERNACIONAIS. *Boletim anual de estatísticas do orçamento geral do Estado 2007*. 2008.
- GABINETE DE ESTUDOS E RELAÇÕES ECONÔMICAS INTERNACIONAIS. *Boletim anual de estatísticas do orçamento geral do Estado 2006*. 2007.
- KIMBERLEY PROCESS STATISTIC. *Annual global summary*, 2004 a 2009.
- MARQUES, Charles da Silva. *A economia de Angola no pós-guerra civil*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Econômicas)–Faculdade Moraes Júnior-Mackenzie Rio, Rio de Janeiro, 2010.
- NOTÍCIAS LUSÓFONAS. Projecto diamantífero de Catoca vai gerar lucros de 100 milhões. 2006. Disponível em: <<http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=15812&catogory=Entrevista>>. Acesso em: 20 jul. 2010.
- OLIVEIRA, N. M. A política de conteúdo local e a indústria naval brasileira. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Engenharia Naval e Oceânica)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- ORÇAMENTO GERAL DO ESTADO. 2009. Disponível em: <http://www.portalangop.co.ao/>.
- PAIVA, M.; FIDALGO, J. O CAN do petróleo. *Revista Exame-Angola*, n. 5 – edição especial *on-line*, 2010. Disponível em: <<http://www.exameangola.com/pt/?det=12265&id=2000&mid=372>>. Acesso em: 20 ago. 2010.
- PARCERIA ÁFRICA-CANADÁ. *Os diamantes e a segurança humana*. Revisão Anual 2008. Disponível em: <http://www.pacweb.org/Documents/annual-reviews-diamonds/AR_diamonds_2008_port.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2010.
- SALOMÃO, L. A. Angola: desafios e oportunidades. *Revista Política Externa*, São Paulo, Paz e Terra, v. 17, n. 1, jun./jul./ago. 2008.
- SILVA, M. M. da. *A independência de Angola*. Brasília: Funag, 2008.

SONANGOL. *Empresas petrolíferas em Angola*. 2010. Disponível em: <[https://www.sonangol.co.ao/wps/portal!/ut/p/c1/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3gDC2NnH0NjAxdHA38Pb1NDDwsjAwjQDwfpAKrAARwNoPJoJph4GsJMwCrvEgSX9_PiZ03VL8jODrJwVFQEAP5eXiM!/dl2/d1/L2dJQSEvUUt3QS9ZQnB3LzZfMDgzQ0wxMzBEQTBPSEs1MTM4MjAwMDAwMDA!/>](https://www.sonangol.co.ao/wps/portal!/ut/p/c1/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3gDC2NnH0NjAxdHA38Pb1NDDwsjAwjQDwfpAKrAARwNoPJoJph4GsJMwCrvEgSX9_PiZ03VL8jODrJwVFQEAP5eXiM!/dl2/d1/L2dJQSEvUUt3QS9ZQnB3LzZfMDgzQ0wxMzBEQTBPSEs1MTM4MjAwMDAwMDA!/). Acesso em: 20 ago. 2010.

UNITED STATES AGENCY INTERNATIONAL DEVELOPMENT (USAID). *Avaliação de viabilidade e diagnóstico de desenvolvimento de Cuango*. 2008.

WORLD BANK. Angola: oil, broad-based growth, and equity. In: WORLD BANK. *A World Bank country study*, 2007.